

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO FERRAMENTA DE APOIO À INCLUSÃO PRODUTIVA DE EMPREENDIMENTOS SOLIDÁRIOS

Joelcy Jose Sá Lanzarini¹; Dimas de Oliveira Estevam²; Júlia Constante Pereira³;
Gabriel Preuss Custódio⁴; Marina Constante Pereira⁵.

RESUMO: O artigo trata da ideia de incentivar, organizar, acompanhar e auxiliar na consolidação grupos de produção artesanal, formados dentro de um território pré-determinado denominado Território Paulo Freire, que estejam inseridos através de um processo de inclusão produtiva em conformidade com os princípios da economia solidária. Busca uma alternativa ao atual sistema de produção capitalista, onde pode-se abranger todos os processos de produção e comercialização com a ideia de prosperar a solidariedade e o bem estar comum aos produtores e comerciantes bem como aos consumidores. Mesmo com o término do projeto, os grupos formados deram continuidade aos seus empreendimentos sem qualquer interferência externa, colocando em prática um dos princípios da economia solidária que é a autogestão. A metodologia foi a do acompanhamento e observação *in loco* o desenvolvimento das atividades pelos empreendimentos e a descrição através de um relato de extensão. Como resultado foram criados 5 grupos de mulheres em atividades de artesanato e 1 grupo na produção de alimentos.

PALAVRAS CHAVE: Economia Solidária. Cooperativa. Inclusão Produtiva

1 INTRODUÇÃO

A vulnerabilidade social está presente em toda a sociedade e tem como causa a concentração de renda e a desigualdade de condições. A Unesc enquanto universidade comunitária e como tem em sua missão formar melhores cidadãos e assim, busca auxiliar na resolução dos problemas sociais das comunidades.

A geração de emprego e renda para pessoas em vulnerabilidade social é um desafio permanente nas comunidades do Território Paulo Freire, principalmente para as mulheres, pois muitas não conseguem trabalho devido a exigência da carga horária, em função da família, o que as impede de assumir um trabalho formal.

O projeto de extensão denominado Ações para empreendimentos de economia solidária – Rumo a uma Incubadora buscou auxiliar na resolução deste problema, levando uma proposta de criação de grupos de produção aproveitando as habilidades de suas participantes, de tal forma que ao final fosse possível ter produtos para venda.

Estas atividades de inclusão produtiva tem muito mais que um viés econômico, mas sim social, de organização grupal, de autogestão, de autonomia nas decisões. Enfim, tem um empoderamento das participantes, o que as leva de excluídas para donas de seus destinos. É a concretização e a vivência da tão sonhada cidadania.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A extensão universitária vem ganhando espaço nas universidades visando equilibrar o tripé pesquisa – ensino – extensão.

O termo extensão, na acepção que nos interessa aqui [...] indica a ação de estender e de estender em sua regência sintática de verbo transitivo relativo, de dupla complementação –: estender algo a. Nesta acepção, quem estende, estende alguma coisa (objeto direto da ação verbal) a ou até alguém – (objeto indireto da ação verbal) – aquele que recebe o conteúdo do objeto da ação verbal (FREIRE, 1971, p.20)

Igualmente, a extensão tem como princípios integradores o ensino-pesquisa, a teoria e prática como função acadêmica da universidade que acabam por revelar um novo pensar e fazer, que se consubstancia em uma postura de organização e intervenção na realidade, em que a comunidade deixa de ser passiva no recebimento das informações/conhecimentos transmitidos pela universidade e passa a ser, participativa, crítica e construtora dos possíveis modos de organização e cidadania. A confirmação da extensão como função acadêmica da universidade não passa apenas pelo estabelecimento da interação ensino e pesquisa, mas implica a sua inserção na formação do aluno, do professor e da sociedade, na composição de um projeto político-pedagógico de universidade e sociedade em que a crítica e autonomia sejam os pilares da formação e da produção do conhecimento (JEZINE, 2004, p.03)

Segundo Manchur et al (2013), não é possível de se fazer extensão universitária sem levar em conta os trabalhos de pesquisa e ensino desenvolvidos na universidade. A extensão deve se balizar pelo viés teórico-prático, baseado na dialogicidade entre universidade e sociedade (JEZINE, 2004).

Durante o século XX, o capitalismo se adaptou à democracia política e completou sua expansão global. Neste apogeu mais recente, ensejou uma revolução digital e, ao mesmo tempo, um regresso à fase 'selvagem' de sua própria história, em que a competição entre os países e dentro deles quase não conhece limites. Em consequência, o desemprego tende a ser crônico e maciço e as condições de trabalho se tornam cada vez mais atroz, inclusive para executivos e trabalhadores especializados. Acrescente-se ao quadro a crise ecológica, que não se limita ao aquecimento global, e torna-se fácil entender porque a ânsia de que o capitalismo seja substituído por outro sistema socioeconômico é compartilhada por cada vez mais gente. (SINGER, 2008).

A Inclusão Produtiva, nome adotado pelo projeto, permite que pessoas residentes em bairros de alta vulnerabilidade ou de alguma forma excluídas possam por meio de empreendimentos econômicos solidários valendo-se dos princípios da cooperação e união começarem um negócio que lhes permitam obter trabalho e renda.

Segundo Gaiger (2009, p.181), “O conceito de *empreendimento econômico solidário* compreende diversas modalidades de organização econômica, originadas da livre associação de trabalhadores/as, nas quais a cooperação funciona como esteio de sua eficiência e viabilidade”

Os projetos de extensão visam levar informações e tecnologias sociais que possam de alguma forma auxiliar no processo de inclusão produtiva e melhoria das condições de vida.

Segundo Bava (2004), as tecnologias sociais são métodos e técnicas que estimulam processos de empoderamento das representações coletivas da cidadania, de forma a capacitá-las a lutar nos espaços públicos por alternativas inovadoras orientadas para a defesa dos interesses das maiorias e pela distribuição de renda.

3 RELATO DE EXTENSÃO

A UNESC é uma Universidade comunitária localizada em Criciúma, foi a primeira instituição de nível superior a ser implantada no sul do estado de onde por se tratar de uma Universidade atua por meio do Ensino, Pesquisa e Extensão.

A Instituição é dividida em quatro UNA's – Unidades Acadêmicas, sendo elas a UNA SAU, CET, CSA e HCE, o projeto está aqui apresentado está vinculado á UNA CSA – Unidade Acadêmica das Ciências Sociais Aplicadas e integrante de um dos três programas institucionais da UNA, o PAES - Programa de Ações em Economia Solidária.

O PAES tem como objetivo principal promover pesquisas e debates sempre apoiando as práticas de Economia solidária articulando os projetos de extensão já desenvolvidos e os em desenvolvimento que tem como viés de fortalecer a Economia Popular Solidária.

Além de ser um dos projetos integrantes do PAES o mesmo faz parte do Território Paulo Freire. A universidade sempre se mostrou empenhada por um mundo socialmente justo, então criou este território específico dentro do município de Criciúma - SC com o objetivo de auxiliar no processo de fortalecimento da cidadania nas comunidades atendidas. O Território atende atualmente treze bairros, dezesseis projetos, trinta professores e quarenta acadêmicos.

O que move a implantação do Território Paulo Freire, é a possibilidade de transformar e ampliar a capacidade de autonomia das comunidades criando um elo entre a universidade e a comunidade.

Figura 1: Mapa do território Paulo Freire

efetiva de mudança de vida, sempre deixando claro o principal objetivo com foco na inclusão produtiva, todo o trabalho feito coletivamente, os deveres e as recompensas divididas de forma igualitária entre todas as participantes.



A maioria das mulheres nunca tinham ouvido falar em economia Solidaria embora algumas já a praticassem então foram realizadas palestras para debater a economia solidária e seus princípios.

O projeto durante o ano de 2014 conta com seis grupos pertencentes a seis bairros de elevada vulnerabilidade social, sendo eles Loteamento Meller, Progresso, Vila Miguel, Cristo Redentor, Imperatriz e São Sebastião, onde apenas um grupo produzia produtos alimentícios e o restante artesanato.

A partir da escolha das mercadorias a serem produzidos os bolsistas passaram a acompanhar os grupos diariamente em todas as suas etapas, produção, comercialização, preço de venda dos produtos e principalmente fortalecendo a união do grupo.

Com a identidade de cada grupo bem definida e para dar maior visibilidade ao produto o setor de marketing da AFASC confeccionou logotipos e nomes fantasia para cada grupo auxiliando na divulgação do trabalho desenvolvido.

Bairro	Nome do grupo (LO)
Loteamento Meller	
Progresso	
Imperatriz	
Cristo Redentor	

São Sebastião	
Vila Miguel	

O primeiro grupo, do bairro Loteamento Meller, conhecido por Maria Chica, produziu variados tipos de chaveiros, bonecas e bonecas sachês. Já o segundo grupo do bairro Progresso, denominado arte fantoche, produziu por anos fantoches sortidos e por sua produção foi convidada a participar do inclusão produtiva produzindo ponteiros de lápis e porta guardanapos.

O terceiro grupo, do Bairro Imperatriz, chamado de mão amiga tem como produtos de trabalho chaveiros e porta agulhas. O quarto grupo, localizado no bairro Cristo Redentor, que atende por Crisol Artesanato, trabalha na confecção de porta retratos e guirlandas. O Quinto grupo, que se encontra no bairro São Sebastião, e tem como logotipo o nome de Amor presente, é responsável pela produção das embalagens de todos os produtos comercializados pelos outros grupos.

O sexto e último grupo, localizado no bairro Vila Miguel, e reconhecido como Massas Tia Zulma, é o único que trabalha com produtos alimentícios e atua na fabricação de variados tipos de massas e biscoitos artesanais.

Com todas as capacitações e estrutura realizada durante o primeiro semestre do ano surgiu a primeira proposta de comercialização, uma primeira experiência que foi na maior festa da cidade de Criciúma, a Festa das Etnias onde milhares de pessoas circulam nos estandes do evento que ocorreu em outubro de 2014.

Os produtos foram dispostos todos juntos e foi realizado uma rotatividade para que cada uma das mulheres tivessem a oportunidade de vender se relacionar com os clientes e ganhar a sua confiança, assim obtiveram boa visibilidade acarretando em uma série de encomendas e parcerias popularizando a inclusão produtiva.

Dos seis grupos um foi contratado pela empresa Artsan para a produção de corações de feltro com patchwork para serem aplicadas em poltronas, as mesmas poltronas já foram vistas em novelas da rede Globo, o grupo foi escolhido por ser o que mais se encaixava nos requisitos da empresa.

O grupo que vendia produtos alimentícios precisou aumentar consideravelmente a sua produção para atender todas as demandas e um terceiro grupo

teve de produzir centenas de porta guardanapos para serem utilizados em eventos privados da região.

A Inclusão Produtiva foi convidada após esta experiência a participar de uma reportagem com o Grupo RBS local para falar um pouco sobre o seu trabalho e o seu modo de produção, agregando ainda mais ao grupo.

Diminuindo a distância entre universidade e comunidade as mulheres a convite do PAES – Programa de Ações em Economia Solidária passaram uma tarde no campus trocando experiências com os feirantes da universidade, e conhecendo todos os serviços que a universidade pode oferecer, foi deixado aberto um convite para a Inclusão Produtiva fazer parte da Feira do Campus.

Finalizando as atividades de 2014 surgiu mais uma experiência, uma feira na Praça Nereu Ramos, local bem frequentado da cidade acarretando em maior visibilidade e encomendas para os grupos de Inclusão. Um encontro foi realizado ao final do ano para que as participantes pudessem deixar claro suas expectativas sobre o projeto e seus medos auxiliando as participantes a realizarem um balanço de vendas, uma análise da aceitação do produto e mostrar a importância de guardar parte do dinheiro obtido para investimentos futuros.

O início do ano de 2015 foi marcado por uma inconstante troca de administradores municipais e conseqüentemente a troca de coordenadores de nosso principal apoiador a AFASC, o projeto foi suspenso sem o consentimento da universidade durante alguns meses, até os problemas serem normalizados os grupos ficaram sem a assistência da entidade apoiadora.

O início do ano foi marcado por muitas reuniões para avaliar os danos causados pela administração pública e os interesses das mulheres em continuar participando do projeto motivando para que ambas se sintam acolhidas novamente neste meio da Inclusão Produtiva.

Notamos no decorrer do projeto que evidenciar os acontecimentos “ruins” é tão necessário quanto divulgar os de êxito, pois são nesses acontecimentos que ocorre o aprimoramento de práticas, e é com este conhecimento que vamos encarar com mais experiências como a futura implantação de uma incubadora de empreendimentos solidários.

Observando a inviabilidade de continuar atendendo os seis grupos em cada bairro e sentindo a necessidade de atender outras pessoas, o projeto começou a acolher todas as interessadas de todos os bairros formando um único e grande grupo.

Com esta grande equipe e com a experiência do coordenador do projeto Joelcy José Sá Lanzaolini o orientador passou auxiliar as participantes na melhor maneira de expor seus trabalhos, com as dicas obtidas surgiu uma nova experiência que foi uma feira de artesanato no JASTI - Jogos Abertos da Terceira Idade.

Após conhecer os produtos que cada uma produz individualmente e auxiliar no preço da mercadoria foram montadas equipes para expor na feira, e fortalecer a união e parceria entre as mulheres pois as produções passam a ser individuais mas a comercialização é em equipe.

Com as reuniões e todas as capacitações realizadas a feira do evento foi organizada em 30 boxes com equipes de três a quatro mulheres por boxe, ao final do evento foi obtido uma quantia próxima à R\$ 15.000,00 e adquirida uma estimável experiência para as oportunidades futuras.

Com o grupo bem fortalecido foi alcançado um dos objetivos do projeto, fundar uma cooperativa, realizado de forma democrática nomeando presidente, vice-presidente, secretária e tesoureira, com os votos de todas as mulheres.

Com a Cooperativa em formação mais um convite foi realizado ao Inclusão Produtiva como a exposição de seus produtos novamente na Festa das Etnias, momentos estes que só acrescentam mais ao projeto.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de inclusão produtiva mostrou ao seu final alguns resultados significativos. Seis grupos produtivos foram criados e consolidados, pois mesmo com o final do projeto de extensão, continuam ativos e produtivos.

Porém, o ponto mais importante além da geração de trabalho e renda, foi o processo de empoderamento e autogestão, que as levou à melhoria da autoestima das participantes dos grupos, conseguindo um espaço no mercado trabalhando de forma solidária.

Mesmo que tenha ocorrido a alternância do gestor-mor na administração municipal e por consequência na entidade coordenadora do projeto (AFASC), os resultados foram concretos e consideráveis, visto que tratando-se de economia solidária, não considera-se somente o recurso financeiro, mas sim o bem-estar social que caminham paralelamente nesse sistema econômico. Comparando o comportamento do público alvo do projeto, nota-se grande progresso em aspectos como autoestima,

autovalorização, companheirismo, união, trabalho em equipe, e conseqüentemente retorno financeiro e inclusão produtiva.

Vale ressaltar também a importância que este projeto teve para os seus bolsistas que enxergaram na extensão universitária uma porta de acesso ao crescimento pessoal e profissional, atuando diretamente com a prática lhes capacitou de uma forma que a teoria sozinha não seria capaz, e hoje se tornaram praticantes da economia solidária.

Visto que a maioria das empresas nacionais vão à falência nos primeiros anos de existência por falhas na gestão, nosso objetivo então, durante a vigência do projeto, é trabalhar constantemente conteúdos, que contribuam efetivamente para uma sólida formação intelectual do empreendedor de Economia Solidária, pois trabalhamos com o objetivo de preparar o grupo de inclusão produtiva para que o mesmo esteja preparado e seguro para continuar seu trabalho sem a interferência da universidade após o encerramento do projeto.

Segundo Singer, os clubes podem ser considerados empreendimentos de economia solidária somente quando se preocupam em estabelecer novas relações sociais, favorecendo o crescimento solidário de seus membros. A economia solidária pretende transformar as relações econômicas baseado em princípios e postulados da cooperação, solidariedade e de inclusão, estabelecendo novas relações sociais de produção. Lembra ainda que é preciso criar mecanismos que restrinjam a competição interna - evitando o surgimento de vencedores e perdedores - e desenvolver novas ações, com potencial transformador significativo para a sociedade como um todo (Singer, 1999).

Apesar das dificuldades encontradas o projeto mostrou resultados esperados, a economia solidária sozinha não pode eliminar toda a exclusão e desigualdade, mas se tiver o apoio da população, e cada um contribuir com uma parte, é uma força de mudança possível e alternativa ao atual sistema, que se mostra cada dia menos justo e democrático. Como futura proposta, pretende-se implantar dentro da universidade uma incubadora de empreendimentos sociais.

É ocioso discutir como o capitalismo será derrubado. Se a democracia e as liberdades civis forem preservadas, não é provável que esse sistema seja eliminado por meios políticos. Não enquanto houver alguns que preferem ter um emprego e obedecer e outros que têm empregados e mandam. Como o assalariamento é um contrato voluntário entre desiguais, não faz sentido proibi-lo. Talvez ele venha a ser paulatinamente abandonado, à medida que a experiência de vida em economia solidária torne as preferências pela competição e pela desigualdade cada vez mais raras. (SINGER, 2008)

REFERÊNCIAS

BAVA, S. C. **Tecnologia social e desenvolvimento local**. In: Fundação Banco do Brasil, *Tecnologia social: uma estratégia para o desenvolvimento*, Rio de Janeiro: Banco do Brasil, 2004.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 11ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GAIGER, Luiz Inácio (2009), "Empreendimento econômico solidário. In: Antonio Cattani; J.-L. Laville; Luiz Gaiger; Pedro Hespanha (orgs.), **Dicionário internacional da outra economia**. Coimbra: Almedina. (<https://rccs.revues.org/416>)

JEZINE, E. **As práticas Curriculares e a Extensão Universitária**. Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária. Belo Horizonte. 2004. Disponível em: www.ufmg.br/congrent/Gestao/Gestao12.pdf. Acesso em: 15 de novembro de 2015.

MANCHUR, Josiane; SURIANI, Ana Lucia Affonso; CUNHA, Márcia Cristina da. **A Contribuição de projetos de extensão na formação profissional de graduandos de licenciaturas**. Revista Conexão UEPG. volume 9 número 2 - jul./dez. 2013. Disponível em <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/conexao/article/viewFile/5522/3672>> Acesso em 15 de novembro de 2015.

RODRIGUES, R. **A extensão universitária como uma práxis**. Extensão, v. 5, p. 84-88, 2006. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=A+extens%C3%A3o+universit%C3%A1ria+como+uma+pr%C3%A1xis.+Extens%C3%A3o%2C+v.+5%2C+p.+84-88%2C+2006&oq=A+extens%C3%A3o+universit%C3%A1ria+como+uma+pr%C3%A1xis.+Extens%C3%A3o%2C+v.+5%2C+p.+84-88%2C+2006&aqs=chrome..69i57j69i64l2.1389j0j7&sourceid=chrome&espv=2&es_sm=93&ie=UTF-8> Acesso em 16 de novembro de 2015.

SIEGEL, Norberto. **Fundamentos da Educação: Temas Transversais e Ética**. Associação Educacional Leonardo da Vinci (ASSELVI). Indaial: Ed. ASSELVI, 2005. 119p. Disponível em <<http://www.webartigos.com/artigos/educacao-e-cidadania/10791/#ixzz3bNlt9yqW>> Acesso em 17 de novembro de 2015.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. 2. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. 1. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

_____. **Secretaria de Articulação para Inclusão Produtiva**, Brasília, maio de 2010. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/a-camara/altosestudios/pdf/capacitacao-micro-empresas/mds>>, Acesso em 16 de novembro de 2015.

SINGER, Paul. **Em busca de alternativa:** Economia solidária. abril de 2008. Disponível em: <<http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=169>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

SINGER, Paul. **Clubes de Trueques y Economia Solidaria Trueque.** Buenos Aires, Nodo Obelisco-Red Global de Trueque. n.3, ano 2. 1999. (<http://www.uff.br/incubadoraecosol/docs/ecosolv1.pdf>) (MOEDA SOCIAL E A CIRCULAÇÃO DAS RIQUEZAS NA ECONOMIASOLIDÁRIA Fábio Luiz Búrigo)